ISBN Nº: 978-65-89908-84-5

ANTIRRACISMO E BRANQUITUDE: UMA EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE ESTUDOS PRETOS

XXII ENCONTRO REGIONAL DA ABRAPSO MINAS GERAIS: Produzindo vozes em tempos de necropolítica, 0ª edição, de 04/09/2021 a 07/09/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-84-5

PAIVA; Luiz Estevão Moreira [1], NASCIMENTO; Rubens Ferreira do [2], MÁXIMO; Débora Nunes [3], AZEVEDO; Vitória Vasconcellos Alves de [4], BASTOS; Camila Diniz [5]

RESUMO

Fundado em 2018, o Grupo de Estudos Pretos (GEP) tem o objetivo de expandir discussões e ampliar conhecimentos sobre relações étnico-raciais, o que possibilita a criação de alternativas para suprir o arcabouço teórico limitado ou inexistente na universidade (JESUS, SILVA, NASCIMENTO, 2020). Surgido na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), o GEP é orientado pelo professor Rubens Ferreira do Nascimento. Atualmente, o grupo é organizado de forma horizontal, aberto ao público em geral e ocorre quinzenalmente, a partir da leitura de referências bibliográficas - acadêmicas e não acadêmicas - alinhadas à luta antirracista. Diante do epistemicídio, ferramenta racista de apagamento da história, saberes e cultura da população negra - seja da academia ou dos conhecimentos ancestrais - (CARNEIRO, 2005), buscamos, nas discussões, estudar preferencialmente pessoas negras e indígenas e possibilitar, assim, reflexões a partir de teorias e vivências de diversos contextos. O presente trabalho visa, por meio da modalidade roda de conversa e a partir do eixo temático Psicologia Social Crítica, Questão Racial, Etnia e Classe, relatar e trocar experiências vivenciadas coletivamente sobre o papel da branquitude - grupo racial de pessoas brancas - enquanto aliada à luta antirracista a partir de reflexões proporcionadas no GEP. Em constante diálogo e troca com pessoas brancas, negras e indígenas, entendemos a importância e a necessidade de que a branquitude atue ao nosso lado na luta antirracista e a pertinência de construir formas adequadas para a luta contra o racismo estrutural, institucional e seus desdobramentos, uma vez que pessoas brancas são favorecidas e ativas na produção desta estrutura (SCHUCMAN, 2012; ALMEIDA, 2019). Para isso, faz-se necessário, no primeiro momento, o reconhecimento de pessoas brancas enquanto um grupo racial: a branquitude. É possível, dessa maneira, debater as relações raciais a partir da compreensão dos processos de construções sócio-históricas que ocasionam na aquisição de privilégios simbólicos e materiais para determinado grupo racial (SCHUCMAN, 2012). Nesse sentido, também entendemos a necessidade, para uma atuação ética e política na luta, do reconhecimento do lugar de fala de cada sujeito, que, como propõe Djamila Ribeiro (2017), é um lugar social, um ponto de partida; não é, assim, um lugar impeditivo. Ainda, compreender o pacto narcísico da branquitude, conceito criado pela psicóloga Maria Aparecida Bento (2002), é de extrema importância para o estudo, discussão e atuação nas relações étnico-raciais. Portanto, compreendermos ser crucial o diálogo e construção coletiva com a branquitude para uma luta

[1] Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, luizestevaomp@gmail.com
[2] Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, rubensfn@uol.com.br
[3] Universidade Presidente Antônio Carlos, dbnunes84@gmail.com
[4] Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, vitoria19.azevedo@gmail.com
[5] Universidade Federal de Minas Gerais, dinizbastoscamila@gmail.com

antirracista efetiva, um movimento que possibilite a construção de mundos possíveis para habitação de pessoas negras e indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: Branquitude, Relações étnico-raciais, Antirracismo

[1] Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, luizestevaomp@gmail.com
[2] Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, rubensfn@uol.com.br
[3] Universidade Presidente Antônio Carlos, dbnunes84@gmail.com
[4] Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, vitoria19.azevedo@gmail.com
[5] Universidade Federal de Minas Gerais, dinizbastoscamila@gmail.com